

## ***RELIGIÕES AFRO BRASILEIRAS: HISTÓRIAS QUE PRECISAM SER CONTADAS***

*Jose Geraldo da Rocha –*  
Unigranrio

### **1. Apresentação**

As marcas das culturas de matrizes africanas na sociedade brasileira são uma realidade que em pleno século XXI encontram profundos desafios no tocante a sua compreensão, reconhecimento, respeitabilidade e aceitabilidade social. Vivemos em uma sociedade profundamente caracterizada por múltiplas formas de preconceitos, muitas práticas de discriminação, que aplastam a dignidade humana de grande parte dos empobrecidos. Essas práticas têm corroborado historicamente na sedimentação de processos de marginalização, perseguições e exclusão.

No modo de organização da sociedade brasileira a comunidade afro-brasileira ocupa os piores lugares em todos os aspectos da vida social. Não é diferente quando analisamos a dinâmica da vida que se passa no tocante ao envolvimento com a dimensão religiosa dessa comunidade.

Desde os tempos mais remotos no Brasil, a fé professada a partir dos elementos da africanidade, tem sido concebida pela cultura dominante como uma prática primitiva, agressiva aos “bons costumes” e não raro, associada à coisas do demônio.

No contexto da colonização, as expressões religiosas que se opusessem ao projeto colonial, eram identificadas como algo maléfico e não pertencente a Deus. Tal concepção estava fundamentada no postulado “fora da igreja não há salvação”. Ao falar igreja nesse contexto, era entendido igreja católica.

Os danos causados por essa concepção, no imaginário social presente até os dias atuais na cultura brasileira são incontestáveis.

Na contemporaneidade estamos presenciando o aumento da intolerância religiosa em determinados segmentos sociais. Esse exacerbamento da intolerância é contraditório aos princípios da liberdade religiosa assegurados na Constituição Federal. O direito à liberdade religiosa é uma condição, uma exigência, um pré-requisito, para o exercício da democracia e, conseqüentemente, da cidadania.

A falta de conhecimento, a ignorância, os preconceitos, acabam atuando como elementos que não dar sustentação às práticas do desrespeito à diversidade cultural e religiosa presentes no cotidiano de fé da sociedade brasileira.

A pesquisa que ora apresentamos se insere nesse contexto. Existe um apelo social nesse campo. Do ponto de vista institucional, a pesquisa estará vinculada ao Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas, da Escola de Educação, Ciências, Artes e Humanidades.

## **2. Metodologia**

A pesquisa sobre discriminação e intolerância religiosa nos terreiros situados em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, tem como pressuposto a noção de que a experiência social dos templos afro-religiosos expressa uma dada visão de mundo, reflete maneiras de ver, pensar e sentir, aludindo ao patrimônio cultural de matriz africana. Nesse sentido, o espaço do sagrado pode ser visto como *lugar de memória*, a revelar tradições, engendrar significados afetivos e culturais, entrelaçar a dinâmica social, articulando memória e identidade.

Convergente com essas considerações, a pesquisa proposta incide sobre as narrativas dos membros das comunidades-terreiro, com destaque para os dirigentes, sacerdotes e sacerdotisas, centrando a reflexão nas questões que envolvem práticas de discriminação e de intolerância religiosa das quais foram vítimas. Tomando por base essas considerações, focamos a estratégia investigativa na observação, na aplicação de questionário e, principalmente, na entrevista semi-estruturada com os protagonistas afro-religiosos das *casas* visitadas. A pesquisa consistirá, então, em uma abordagem basicamente qualitativa, considerando, inclusive, o fato de as informações obtidas serem coletadas no próprio contexto, o que pode dar-lhes mais sentido.

O recurso da entrevista semi-estruturada permite a interação do pesquisador com o pesquisado e possibilita a coleta de dados não só por meio de perguntas pré-

estabelecidas, mas também de interrogações outras que se fizerem necessárias por meio do acréscimo de perguntas improvisadas. A assistência permanente do pesquisador admite, inclusive, perguntas mais complexas e a orientação no sentido daquilo que se quer conhecer: práticas de discriminação e de intolerância religiosa e as atitudes dos membros das religiões de matrizes africanas diante desse crescente e preocupante fenômeno.

### **3. Desenvolvimento**

A pesquisa foi realizada no Município de Duque de Caxias, entre os anos de 2010 e 2011. Foram feitas visitas e entrevistas com quarenta e dois membros de casas de referência da região. As entrevistas foram desenvolvidas pela equipe de pesquisadores do Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio e bolsistas de Iniciação científica da instituição.

As histórias que precisam ser contatadas encontram-se nos relatos colhidos no desenvolvimento da pesquisa e serão explorados na apresentação do presente texto .

### **4. Resultados alcançados**

Os dados evidenciaram múltiplos aspectos dos dilemas vividos pelos membros destas casas, assim como as estratégias cotidianas desenvolvidas por eles no enfrentamento das situações de conflito que ocorrem em vários espaços sociais.

Cabe destacar que todos os entrevistados se declararam vítimas de algum tipo de intolerância, manifestada através de agressões verbais, físicas e simbólicas. Os casos relatados ocorreram, de forma geral, a partir do reconhecimento dos sinais de pertencimento dos adeptos das religiões de matrizes africanas, tais como as vestes, a indumentária (por exemplo, os fios de conta), marcas físicas (cicatrizes e cabelo raspado), presença em espaços sagrados (encruzilhadas), gestos rituais (oferendas) e linguagem (expressões). Foram registrados também dois casos de intolerância com indivíduos que embora não adeptos, posicionaram-se em defesa do direito de tais segmentos religiosos.

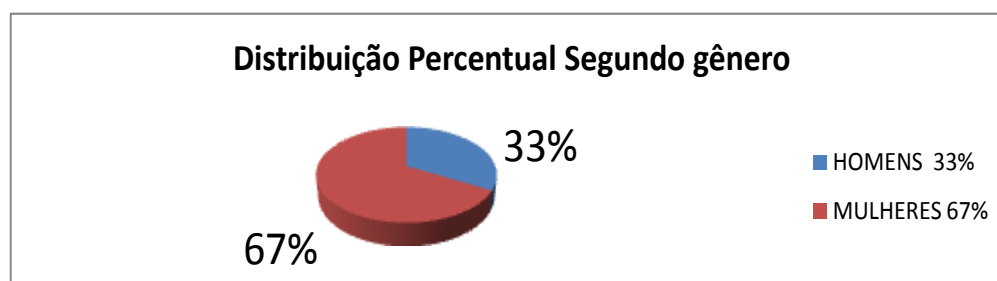
Estima-se que exista na Baixada Fluminense em torno de cinco mil casas de cultos afros brasileiros, entendidas aqui como casas de candomblé e umbanda, ainda que tais

dados não sejam possíveis a sua comprovação em virtude da não existência de pesquisas com tal recorte. Os dados sobre as religiões de matrizes africanas até então levantados pelo Censo do IBGE (2000) davam conta da existência no Brasil de apenas 0,3% da população como pertencente a esse segmento. Não se pode esquecer que tais cifras estão em um contexto onde os vínculos com tais práticas religiosas passam por um sistema de negação. Afirmar a pertença religiosa de matriz africana é colocar-se numa esfera de não reconhecimento e aceitabilidade social. Os indivíduos não querem ser estigmatizados na hora de responder ao censo. Em contraposição a isso, é perceptível nas vivências cotidianas na região da Baixada Fluminense, em espaços de discussões relacionadas às culturas locais, a grande presença das expressões religiosas de tal natureza. Nesse sentido, é valioso o depoimento de um pesquisador na região:

Sai com um endereço de um terreiro para entrevistar uma Yalorixá. Como sempre, os terreiros estão situados nas periferias das periferias. Tomei dois ônibus para conseguir chegar no referido bairro. Ruas de terra, casas simples, não acabadas, muita gente pelas ruas, animais. Fui perguntando para as pessoas onde existia um terreiro de candomblé. Elas iam me indicando. Chegava ao terreiro e perguntava pela Yalorixá, respondiam não é aqui. E assim aconteceram vários terreiros. Quando cheguei ao terreiro que tinha me proposto visitar, havia passado por seis outros terreiros. Isso em um espaço pequeno do ponto de vista geográfico. E não foi apenas em um bairro que algo semelhante aconteceu. (Antonio)

Ao longo do trabalho de coleta de dados, foram entrevistadas 42 pessoas praticantes das religiões de matrizes africanas. Quando observados pela ótica das relações de gênero, constata-se que 33% dos entrevistados são do gênero masculino e 67% feminino. Nesse caso mais uma vez se comprova o quanto as mulheres são maioria no zelo pelas realidades religiosas

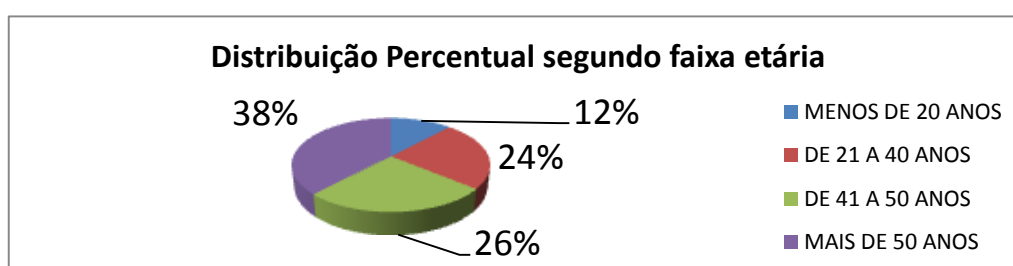
Gráfico 1: Distribuição dos entrevistados segundo sexo



Dentre nossos entrevistados, verificou-se que 38% se encontram na faixa etária superior a 50 anos. 26% entre 41 e 50 anos; 24% na faixa de 21 a 40 e 12 % com idade inferior a 20 anos. Esses dados revelaram-se importantes na medida em que é possível verificar que a intolerância religiosa caracteriza-se como uma violência que vitima todas as faixas etárias indistintamente.

O gráfico a seguir nos propicia visualizar com maior ênfase o que acabamos de afirmar.

**Gráfico 2: Distribuição dos entrevistados segundo idade**



Do ponto de vista da localização geográfica, nossa pesquisa levou em consideração a divisão administrativa do município de Duque de Caxias. O objetivo era colhermos informações nos diferentes locais do município. Este se divide em quatro distritos.

<b>Grupo</b>	<b>Número de entrevistados</b>	<b>Percentual de entrevistados</b>
<b>1° DISTRITO</b>	13	31%
<b>2° DISTRITO</b>	10	24%
<b>3° DISTRITO</b>	10	24%
<b>4° DISTRITO</b>	9	21%
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100%</b>

## **5. Essas histórias precisam ser contadas**

A nossa investigação trouxe algumas histórias que precisam ser contadas por vários motivos, dentre os quais destacamos. Primeiro – é necessário que a sociedade tome conhecimento dos dilemas que vivenciam aqueles que professam sua fé nas religiões de matrizes africanas. Segundo- é urgente a necessidade busca de caminhos para o diálogo

e respeito às diferenças culturais e religiosas; e terceiro - o entendimento entre as religiões é pré requisito para a construção da paz no mundo

Sinto-me severamente ultrajado, porque esse senhor me humilhou, humilhou o meu povo, se desfez dos meus Orixás; disse que era religião de preto, que era vodu, que era culto ao demônio, ao satanás. Eu observo que dentro das próprias religiões evangélicas, nos cultos que eles fazem dentro das igrejas os pastores incentivam aos seus fiéis a discriminarem as pessoas de religiões de matrizes africanas, seja ela Umbanda ou Candomblé; eles incentivam a discriminação e até mesmo a agressão. Eu já presenciei um grupo de jovens evangélicos agredindo uma Yaô, arrebatando os fios de contas, rasgando suas roupas, o pano da costa e o de cabeça, isso foi no centro de Duque de Caxias, próximo ao Supermercado Guanabara. Foi um grande tumulto e muita gente foi em defesa dessa senhora e acabamos sem apoio das autoridades competentes, só nós que saímos na defesa e proteção dessa senhora. (Paulo)

Pela vivência narrada é possível notar a indignação da pessoa discriminada. A vivência religiosa é caracterizada como elemento estruturante da existência humana (Rocha 1998). São valores fundantes no sistema de convicções que estão sendo postos em xeque. A palavra tem força destrutiva nesse tipo de discurso religioso, pois atinge a profundidade da alma humana. É um discurso que gera não só a violência simbólica, mas induz às práticas de violência física inclusive (Santos, 2009)

O fanatismo religioso tem levado alguns segmentos confessionais à absolutização da verdade. A verdade é única e está na minha igreja, no meu jeito religioso de ser. Com esse modo de pensar, as demais expressões de fé, religiosidades não podem existir fora da minha igreja. A presença do diferente é incômoda e não deve ser tolerada. A existência de Deus fica condicionada ao seu universo religioso.

Os valores da fé professados pelos diferentes passam a ser tratados com desprezo, desrespeito e ridicularizados.

Chamaram-me de forma violenta de macumbeiro, dizendo que o sou feiticeiro, bruxo e até me imitando, satirizando nos gestos das danças. (Francisco)

Em determinadas situações, o desrespeito chega a ação de violência física contra os indivíduos dos outros segmentos religiosos e seus bens. A intimidação passa a funcionar como uma artimanha para desencorajar a continuidade da prática religiosa do outro.

Para se ter uma idéia, aqui, neste Barracão, onde eu trabalho para ganhar o meu sustento e onde vivo também, já foi apedrejado várias vezes, jogaram pedras no meu portão, chutaram ebós que despachei, passaram gritando de dentro do

ônibus. Tudo o que podem fazer para me causar medo já fizeram. Tudo para me amedrontar e tentar acabar com as funções no Terreiro (Lucas)

Ninguém, ao nascer discrimina! A discriminação é aprendida no cotidiano da vida, nos processos de interação social (Charon 2004), na educação que o indivíduo recebe desde o ambiente familiar até às universidades. Do mesmo modo que uma criança pode aprender os valores da fé em conformidade com sua tradição religiosa, ela pode aprender a desrespeitar os valores relacionados à tradição religiosa daquele que lhe é diferente. O depoimento a seguir evidencia como tal questão perpassa o universo da família e da escola.

A minha história dói muito porque aconteceu com minha filha, que tem 12 anos e precisou usar algumas contas, até para ir para a escola. Os coleguinhas dela quando viram as contas perguntaram o que era, e ela - como tem informações porque frequenta o Terreiro comigo - disse que era do santo dela. Imagino como ela explicou, pela idade e entendimento. Algumas crianças - com certeza - contaram para os seus pais; e no dia seguinte foi um transtorno só, para a minha filha, que foi chamada de “filha do diabo”, que ela não era de Deus. Com certeza isso veio das bocas dos pais dessas crianças; e elas já estão crescendo com orientação violenta e perigosa. (Jussara)

O impacto da fala, a força da palavra, a opressão, a eminência da exclusão contida no discurso da patroa diante da empregada que se iniciou na religião de matriz africana denota o quanto o elemento religioso interfere nas relações no mercado de trabalho. O que nos narra a senhora Rosa é realidade que fomenta marginalização e constitui-se em violência e intolerância religiosa.

Trabalhei por alguns anos como balconista, sempre frequentei o meu terreiro e chegou o momento em que eu precisei tomar umas obrigações no Barracão e precise usar umas contas, contra egum, enfim, estar dentro dos preceitos. Passei por todo o processo e depois desse, quando tive que retornar ao trabalho. E quando eu cheguei, a minha patroa disse que se eu não tirasse as minhas contas que eu não iria trabalhar. (Rosa)

*Joga fora!* O grito do senhor com seu filho foi seguido de mais três ações ou atitudes reveladoras de uma concepção religiosa onde a prática de fé do outro significa uma afronta aos valores de sua religião. Ele simplesmente *arrancou das mãos do menino o pacote de doces*. Não foi suficiente o seu grito *joga fora*. O arrancar das mãos de uma criança um doce caracteriza uma violência exacerbada. O que se sucedeu ao gesto de arrancar das mãos o doce, é ainda mais violento. Joga ao chão, pisa em cima e professa

o discurso religioso, que em seguida é legitimado e ou fundamentado com a utilização ou malversação da bíblia.

No dia de Cosme e Damião já é tradição eu dar os doces. Nesse ano quando distribuía os doces na rua a criançada se juntou rapidamente. De repente um senhor gritou com um menino e sete ou oito anos para jogar fora o pacotinho de doces que acabara de receber. O Menino relutou e ele arrancou das mãos do menino o pacote de doces e jogou no chão. Pisou em cima e gritava repreende senhor. Não satisfeito pegou a sua bíblia e começou ali mesmo uma pregação em nome de Jesus. (Carlos)

As formas de afrontamento religioso (Silva 2009) organizado por determinadas confissões religiosas presentes em algumas igrejas dos segmentos evangélicos objetivam a desmoralização da prática de fé daqueles que professam a religião dos terreiros. Caracterizar os espaços religiosos dos outros como lugares de manifestação do demônio passou a ser corriqueiro na contemporaneidade.

Há 4 anos atrás elas se juntaram para desmoralizar e agredirem a gente. Numa festa de Ogum os fiéis dessas igrejas fizeram uma caminhada pelas ruas próximas e - depois ficamos sabendo que era para nos ofender - quando passaram na rua do nosso Terreiro jogaram sal grosso e enxofre, e disseram que ali era a casa do demônio e de tantas outras coisas. Eles falaram tantas coisas ruins, negativas (Ana)

De modo semelhante ao que fazem em relação aos barracões onde acontecem os cultos das religiões de matrizes africanas, nos espaços onde se realizam algumas atividades religiosas como a mata, a cachoeira, a encruzilhada também são feitas tentativas de interdições.

Aqui perto nós temos uma parte da floresta aonde podemos colocar nossos presentes para os Orixás, e nesse momento que eles vêm para cá tentar aterrorizar a gente. Isso é sempre. Eles distribuem panfletos com propaganda contra a gente e contra o que fazemos e até tentam interromper nossos rituais. Já houve época de tentar interromper de forma forçada o que a gente fazia usando até alto-falantes e tentaram destruir nossos presentes. (Amanda)

É interessante pensar o estreitamento presente na compreensão teológica a respeito da salvação oferecida por Deus à humanidade. Isso reporta ao tempo da escravidão, (Rocha, 2007) onde o catolicismo entendia que melhor seria para os negros serem batizados e



escravizados do que ficarem pagãos e irem para o inferno. A igreja passava a ser então a salvação para os negros. Essa concepção se modernizou no seu discurso e nas suas práticas. Combater o culto ao demônio – presente na prática religiosa do outro- passou a significar condição para a sua salvação. A salvação é só para aqueles que aceitam Jesus ao seu modo e à sua compreensão. Aos demais, o inferno.

Por várias vezes fui discriminado pela minha religião, em todas às vezes me senti muito mal, o que não é de se estranhar, quando se é violentado na sua fé. E dói muito quando acontece na sua rua, no seu bairro, onde você vive e exerce sua fé. Fui agredido na minha rua por uma pessoa evangélica que discriminou uma filha de santo minha, quando ela estava de resguardo. E eu fiquei muito chateado e fui tomar “satisfação” com ele e aí ele me disse palavras grosseiras e disse que nós fazíamos culto ao demônio, que Jesus ia salvar somente a ele e que eu para o inferno (Paulo Rel.37)

Tão forte é a convicção de que são donos da verdade sobre Deus, que até nas ruas, em lugares públicos, onde todos têm o direito de frequentar, indivíduos evangélicos, sentem no *dever de alertar* os praticantes de religiões de matrizes africanas, estigmatizadas, quando identificados, (Goffman 2008) que sua pertença religiosa é coisa do diabo e que os mesmos necessitam se libertarem de tal prática religiosa. A seguir apresentamos relatos que nos propicia uma reflexão de tal violência praticada.

Quando estávamos descendo a rua em direção ao calçadão de Caxias, um grupo de pessoas que estavam na sorveteria bem perto da esquina do colégio começaram a gritar que ela estava com o diabo e que só Jesus poderia livrá-la daquilo etc. Eles gritavam sem parar e alto.(Luiz)

Seguindo a mesma lógica do acontecimento na sorveteria da esquina, dessa vez a vítima está em um transporte coletivo.

Entrei num ônibus em um bairro em Duque de Caxias e o trocador disse Jesus te ama – eu estava com minhas guia no pescoço e meu oja na cabeça. - então eu lhe disse – Oxalá nos ama a todos – ele ficou indignado e iniciou um discurso religioso, uma verdadeira pregação em nome de Jesus para que eu um dia pudesse conhecer a Jesus e o aceitasse em meu coração, na minha vida. Fiquei surpresa com a atitude das outras pessoas no ônibus. Um grupo de cinco pessoas se juntaram a ele para orar pela minha vida. Ao tentar argumentar que o ônibus não era um templo da igreja deles. O trocador, mostrando uma bíblia dizia que o nome de Jesus devia ser pregado a todos os povos, em todas as nações, em todos os lugares em todos os tempos. Diante do clima de animosidade que se formou, desci do ônibus antes do meu ponto de destino. Ao sair ouvia as pessoas dizerem quase que gritando – repreende senhor (Rafaela)

As histórias aqui apresentadas demonstram que a afirmação da fé identificada com as tradições de matrizes africanas tem sido alvo de violência simbólica, quando não agressões físicas. O mundo tem presenciado inúmeros acontecimentos atestando o quanto as afirmações religiosas têm fundamentado conflitos e guerras entre os povos. O entendimento e a paz no mundo estão diretamente relacionados ao entendimento entre as religiões (Kung, 1993) O papel das religiões na construção da paz exige como condição, trilhar os caminhos da não violência. A necessidade de contar essas histórias se coloca num horizonte de construção de novas possibilidades de encontrar caminhos que demonstre o respeito ao diferente. No diálogo se reconhecem as diferenças. Nas diferenças se reconhecem os direitos e nesses, a dignidade humana.

## 6. Referências

- BRAZ, Antonio Augusto & ALMEIDA, Tânia Maria Amaro. *De Meriti a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2010.
- CHARON, Joel M. *Sociologia*. Tradução de Laura Teixeira Motta; revisão técnica de Paulo Sergio Nakazone. São Paulo: Saraiva 2004.
- FRISOTTI Heitor. *Comunidade Negra – Evangelização e Ecumenismo*. Caderno de pesquisa 1, Salvador: 1992.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- KUNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993
- PRANDI, Reginaldo **“Linhagem e Legitimidade no candomblé paulista**. (disponível em [www.anpocs.org.br](http://www.anpocs.org.br))
- ROCHA, José Geraldo da. *Teologia e Negritude: um estudo sobre os Agentes de Pastoral Negros*. Santa Maria: Pallotti, 1998.
- \_\_\_\_\_, (org. ) *Diversidade & Ações Afirmativas*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

SANTOS, Ivanir dos & FILHO, Astrogildo Esteves. (Orgs) *Intolerância Religiosa X Democracia*. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

SENNETT, Richard. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org) *Intolerância Religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2009.